

des.ma.nu.al de mim

MANUAL

gianna grey rech



"O que não sei fazer desmancho em frases".

Manoel de Barros



## SUMÁRIO

Eu árvore [07]

Eu não sei [10]

des.ma.nu.al [15]

Desconclusão [26]

No estágio de ser árvore... [29]

REFERÊNCIAS [31]



## Eu árvore

"Sabedoria pode ser que seja estar uma árvore"<sup>1</sup>, que atravessa tantas transformações ao longo das estações, exibindo sempre a beleza exuberante que há em cada uma delas. Que enfrenta, o frio, o calor, a chuva, os ventos fortes e as tempestades e se mantém firme, de pé. Me identifico com a árvore, assim como com o caracol, com a pedra, com a cigarra, com a andorinha, com a formiga ... é incrível o poder de adaptação de uma árvore. Que se adapta aos novos solos, alguns mais férteis outros nem tanto. Se adapta ao desconhecido, se adapta ao novo, se adapta, cresce e floresce.

---

<sup>1</sup> Manoel de Barros, p. 346.

Manual<sup>2</sup>

Videoarte

8'46"

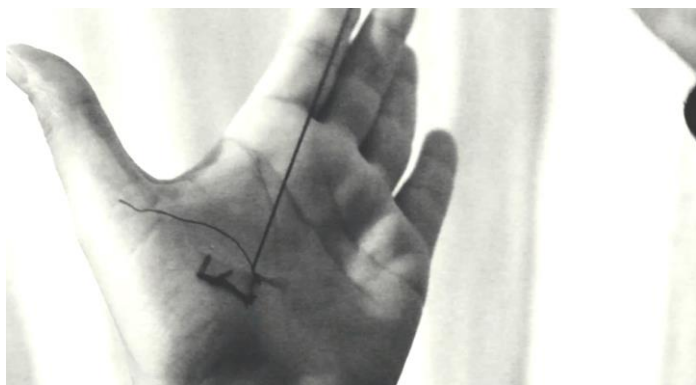
2019

---

<sup>2</sup> Disponível em: <https://youtu.be/U3XRJ5syOnw>

Fotografia: Larissa Soares.





## Eu não sei

A fase de pedra-pensamento esteve comigo durante quase todo o ano de 2018, oscilando com momentos de raiva e negação. Raiva<sup>3</sup> por não compreender meu processo artístico, não visualizar nenhuma potência no mesmo, e assim, me sentir perambulando dentro da arte, sem rumo certo. Raiva de mim. Raiva das minhas mãos. Eu não sei. Só sei que nesses momentos é bom respirar fundo e esperar passar. Aprendi que passa. Sempre passa. E é assim que tenho feito, inclusive durante essa pesquisa, que também enfrenta seus momentos de negação. Li bastante no período de estar pedra-pensamento, principalmente entrevistas de outros artistas. Me interessa olhar para seus processos de criação mais do que para seus trabalhos finalizados, expostos. Gosto de investigar, conhecer suas histórias de vida, saber como se tornaram artistas e o que dizem sobre suas próprias poéticas, como resolvem suas contradições, seus conflitos, e, dessa forma, estabelecer relações com o meu fazer artístico. Duas artistas

---

<sup>3</sup> Relutei em trazer essa palavra aqui, porém, foi exatamente esse o sentimento que impulsionou a videoarte: *Manual*.

estiveram comigo nesse período, que foram: Letícia Parente<sup>4</sup> e Beth Moysés<sup>5</sup>. Letícia foi uma das precursoras da videoarte no Brasil. Seus trabalhos em arte mídia são bastante conhecidos, porém, essa não foi sua única forma de expressão. Produziu também em fotografias, arte postal e instalações, partindo sempre do âmbito da subjetividade. "Letícia Parente parte do corpo ou da casa como lugares privilegiados para exprimir, ao mesmo tempo, o muro que separa o que liberta do que aprisiona". (PARENTE, 2014). Aprendi por meio das produções de Letícia Parente que um dos papéis fundamentais da arte é fazer-nos repensar nossos processos de subjetivação. Já Beth Moysés, investiga por meio da performance e instalações, a vivência do feminino com o masculino, bem como, a violência contra a mulher, questões que traz desde sua infância, onde percebia injustiças entre homem e mulher e as dificuldades no relacionamento de seus pais. Fala do que a incomoda no mundo, fazendo a junção da arte com os questionamentos que carrega dentro de si. Moysés diz, em entrevista para Moreau

---

<sup>4</sup> (1930 – 1991) Entrevista com seu filho André Parente disponível em: <https://performatus.net/estudos/leticia-parente/>

<sup>5</sup> (1960) Entrevista com a artista Beth Moysés, disponível em: <https://performatus.net/entrevistas/entrevista-beth-moyses/>

(2014), que “é muito importante você refletir sobre o trabalho porque quanto mais você reflete, mais você cria. Mais portas se abrem para você criar. Pensamento é criação [...]”. E ainda comenta sobre a importância de falar sobre o que nos aflige durante o todo processo de criação, pois, segundo a artista, através da fala conseguimos tocar no sentido mais profundo e só quando tocamos esse sentido é que conseguimos realizar o trabalho. Os trabalhos dessas artistas me afetam fortemente, uma vez que suas poéticas transitam entre “arte e vida, arte e política” (PARENTE, 2014) e por estarem relacionadas com suas essências, suas verdades, seus questionamentos. Ou seja, ambas partem do subjetivo, de suas questões mais intrínsecas. Encontram voz dentro do fazer artístico. Ouço gritos, suas produções ecoam. Durante esse período de pensar, pensar e pensar, veio a necessidade gritante de produzir algo *nas mãos*. Uma vontade muito forte de senti-las vivas. Assim, nasceu *Manual*, um trabalho que percebo mais maduro e consciente e que nada mais é que a junção de tudo o que eu vinha sentindo, lendo e pesquisando, em uma videoarte.

O campo de produção de sentido das coisas que nos afetam no nosso dia-a-dia, inclusive na arte, não é um campo com resultados unívocos, mas é um campo de batalhas entre

leituras ou interpretações às vezes até contraditórias. (COCCHIARALE, 2006, p. 52).

E é dessa forma que *Manual* se apresenta para mim. Muda e gritante. Preta e branca. Focada e desfocada. A mão trabalha e é suporte para o trabalho. É ferida e não sente dor. Agonia. Poesia. Eu não sei.

ARTE NÃO É ENTENDER.

ARTE, É SENTIR.

des.ma.nu.al

## [ manual<sup>6</sup> ]

1. Relativo a mão.
2. Feito à mão.
3. Que se pode mover à mão.
4. Que se pode facilmente trazer na mão.
5. Em que se trabalha com as mãos.
6. Que diz respeito ao trabalho de mãos.
7. Que se transporta facilmente = PORTÁTIL.

## [ ma.nu.al<sup>7</sup> ]

1. Livro pequeno.
2. Livro que sumariza as noções básicas de uma matéria ou assunto = COMPÊNDIO.
3. Guia prático que explica o funcionamento de algo.

---

<sup>6</sup> <https://dicionario.priberam.org/manual>

<sup>7</sup> Idem.



## [ desmanual ]

1. Onde não se consegue produzir com as mãos.
2. Fase de adaptação, onde não se trabalha com as mãos.
3. Lugar de negações e contradições.

## [ des.ma.nu.al ]

1. Publicação de artista.
2. Escrita subjetiva.
3. Lugar repleto de questionamentos e anseios.
4. Composto por livros–parte que não contém instruções, nem mapas, nem planos.
5. Livros–parte que não possuem respostas, nem verdades incontestáveis, tampouco opiniões definitivas.
6. Serve para destravar palavras, chacoalhar pensamentos, permitir novas experiências e sensações.

Desde o comecinho dessa escrita, reflito e pesquiso sobre a palavra MANUAL. Que sabemos que é relativo ao trabalho com as mãos, mas que é, também, um pequeno livro, um livreto que instrui para algo. Me interessou, então, apresentar essa pesquisa no formato de um ma.nu.al, para falar da minha ligação com o manual. Dessa forma, comecei a estudar sobre os livros de artista e sua vasta amplitude, pensando na produção final dessa pesquisa.

Há um amplo espectro de objetos poéticos que podem ser chamados de livros de artista. Desde livros únicos com características fortemente escultóricas, passando por materiais com pequenas tiragens, por múltiplos publicados de forma artesanal ou industrial, até livros totalmente industriais construídos visualmente com o conceito de livro de artista. (SOUSA, 2008, p. 1875).

Me interessa pensar em uma publicação de artista para o meu trabalho final, uma vez que “representam uma fonte impressa fundamental para uma reflexão sobre algumas características, rupturas e, até mesmo, contradições operadas pelo campo das artes [...]”. (ECKERT, 2018, p. 202). Gosto de pensar em produções que fogem dos espaços formais de exposição, e é por onde o meu processo artístico tem se arriscado. É um

formato híbrido, acessível, democrático e volátil. Para Regina Melim (2013, p. 183) “existe uma quantidade expressiva desses trabalhos que não precisam, necessariamente, de paredes, pois são proposições cujo lugar mais adequado para serem mostrados são nas páginas de um livro [...]”, como acredito ser a minha proposição. Me satisfaz pensar esse trabalho como uma publicação de artista, principalmente, por considerá-la um formato experimental, que possui uma “posição marginal em relação as grandes editoras” (MOEGLIN-DELCROIX, 2015, p. 163). Uma publicação de artista se desloca e transita pelos mais improváveis lugares e contextos, sendo que não podemos prever o seu tempo de duração, sequer controlar o seu alcance. Me agrada, ainda, dentro desse formato a “propriedade de oferecer-se ao toque<sup>8</sup>”, ao sentir por meio das mãos, tornando-se “um lugar para o exercício de sensações táteis intensificadas<sup>9</sup>”. Pensar o ato de folhear também me interessa, principalmente pelo fato de envolver o público receptor ou apenas *folheador* como sugere Sousa (2011).

---

<sup>8</sup> SOUSA, 2011, p. 94.

<sup>9</sup> Idem.

Na experiência de folhear [...], a meu ver, ocorre continuamente um trânsito entre os sentidos e entre as sensações geradas por esse encontro e vivenciadas fisicamente pelo *folheador-perceptor*, estabelecendo um movimento sinérgico [...]. (p. 97).

Penso ainda, sobre o lado de dentro de uma publicação ou de um livro. O que tem por trás da capa? O que compõe o seu interior? É preciso certa proximidade para que se possa acessar o dentro e disponibilidade para folheá-lo. Na produção final que proponho, acessando ao seu interior, o *folheador* estará acessando a mim, acessando as minhas verdades, ao meu eu interior. E isso ao mesmo tempo que me agrada, me assusta. No “movimento do folhear, o que prolonga a página que passou e o que antevê a página que virá?”<sup>10</sup> O que prende o olhar do *folheador*? Que tipo de leitura se faz? A essa altura já não sou mais eu, já sou tantas outras. “O que não vejo é o que não me vê, mas me toca. [...] Sou tato”. (HERKENHOFF, 2008 apud SOUSA, 2011, p. 104). E também sou fala. Falo de conflitos, de bagunça interna, falo das contradições, do não querer e do não saber. Falo da dificuldade de enxergar além, falo dos meus anseios, do meu entorno, falo de micropolíticas,

---

<sup>10</sup> SOUSA, 2011, p. 100.

falo de disponibilidade, da experiência que *me passa*, me toca, falo de conceito, de processo, falo de arte contemporânea. Falo por meio de sensações, do *devenir sensível*, falo do tato, falo do manual, do desmanual/des.ma.nu.al. Falo para me conhecer, para me reconhecer. Falo sobre pensar e para pensar. Falo sobre falar.

Tentei fragmentar a escrita dessa pesquisa–processo para a publicação que será exposta como trabalho final que compõe o Trabalho de Conclusão de Curso. Porém, penso que isso, talvez se encaixe em algum desdobramento mais adiante. Não consigo me fazer em pedaços nesse momento. Agora sou totalmente escrita, sou totalmente fala. Sou desejo de fala.

Dessa forma, a produção final se apresenta como uma espécie de ma.nu.al, ou melhor, um des.ma.nu.al. Pois, não é um ma.nu.al de instruções. Nem um ma.nu.al organizado por itens, ou que determina um passo–a–passo, no qual se segue à risca sob o risco de não alcançar o objetivo final. Não, não é. Mas, um des.ma.nu.al que permite certa elasticidade, que me auxilia na dissolução de tantos questionamentos. O des.ma.nu.al de uma artista/pesquisadora em contradição. Um des.ma.nu.al que nasce de uma necessidade de expor meu

processo artístico, bem como, de submetê-lo a reflexões, dissipando negações em torno do desmanual. Opto por apresentar a escrita em cinco livros–parte, que irão compor a publicação. A primeira é onde apresento essa pesquisa, e as outras quatro (incluindo essa) são onde desenvolvo a escrita refletindo sobre meu processo artístico em torno de algumas práticas artísticas minhas. O conjunto desses livros–parte formam um todo, porém, cada um deles, individualmente, reflete um momento diferente dentro do meu percurso de formação. Assim, resolvi brincar com a forma de apresentação da própria escrita – alternando tamanho e posição das fontes – com o tato – por meio das texturas de diferentes papéis – bem como, com o folhear. Ou seja, a intenção é apresentar ao *folheador-perceptor* o meu lado de dentro. Pois, como diz Paulo Silveira “um livro envolve o tempo de sua construção e os tempos de seu desfrute” (2008, p. 72), e isso me interessa bastante.

O processo de produção da publicação iniciou exatamente no momento em que iniciei essa pesquisa. Ambas caminharam juntas e ininterruptamente. Conversei com alguns designers gráficos, pessoas que pudessem me auxiliar na organização e na diagramação da publicação, porém, o tempo disponível

entre a finalização dessa escrita e a entrega do trabalho pronto, impresso, impossibilitaram essa organização. Dessa forma, trabalhei com o que tenho em mãos, um *software* de ferramentas não muito avançadas, um pouco tanto limitado, porém, meu grande companheiro, *Word 2013*. O artista Fabio Moraes, em seu texto bem-humorado, Sabão, diz que no Brasil não existe livros de artistas, que isso é coisa de estrangeiro. Diz que aqui, o que os artistas brasileiros fazem, são publicações. Pois, segundo o artista, aqui no Brasil

[...] teve, e tem, gente das mais variadas linguagens que edita de forma misturada, miscigenada e guerrilheira. Ou gente que leva adiante suas experimentações estético-formais até chegar, por motivos variados, aos vocabulários gráfico, editorial e livresco. Aqui tem *Navilouca*. Suruba gráfica. Tudo feito na unha. (2018, p. 03).

Ele defende a potência dessa miscigenação, o que muito me agrada e me acolhe nesse momento de experimentações dentro de tantas possibilidades artísticas. Durante todo o processo de escrita e organização dos livros–parte, estive em contato com a gráfica, que me auxiliou quanto a alguns detalhes que precisei me ater para a impressão dos mesmos. Me auxiliou, também, com a diagramação das capas e da pasta

que envolve o trabalho. Penso que o maior desafio do artista que decide produzir no formato de múltiplo, assim como a publicação de artista se configura, é pensar em como torná-la disponível para o público. Da mesma forma, também está sendo desafiador para mim. A princípio serão impressos quatro exemplares da publicação **des.ma.nu.al de mim** e posteriormente será disponibilizada em versão digital para impressão ou leitura. Para a exposição coletiva das produções finais do Trabalho de Conclusão de Curso, que acontecerá na Sala Edi Balod – Espaço de Exposições e Laboratório de Artes Visuais, na UNESCO, com abertura prevista para o dia 25 de novembro de 2019, penso em expor essa publicação sobre uma mesa retangular, com um banco. A intenção é deixar o público à vontade para sentar, folhear, ler, interagir com a produção, ou seja, sentir o meu trabalho, fazer parte do meu processo. Pois disse na apresentação dessa pesquisa e vale repetir aqui, que: acredito fortemente na importância dessa pesquisa para a minha formação artística e para o reconhecimento do espaço que a arte contemporânea exerce na formação do sujeito.



A PARTE DE DENTRO É A MELHOR PARTE.

## Desconclusão

A metodologia da pesquisa em artes visuais não pressupõe a aplicação de um método estabelecido a priori e requer uma postura diferenciada, porque o pesquisador, neste caso, constrói o seu objeto de estudo ao mesmo tempo em que desenvolve a pesquisa. (2002, p. 132).

Retomo as palavras de Sandra Rey que por muitas vezes recorri para pensar essa pesquisa–processo, só que agora, sob outra ótica. Encontro-me escrevendo o último livro–parte dessa pesquisa e faço o movimento de olhar para o meu percurso até aqui, enquanto artista em formação e pesquisadora. Me coloco totalmente dentro da pesquisa e acredito que não saberia fazer diferente nesse momento. Penso que não poderia chegar ao fim do curso sem ao menos tentar dissipar tantos questionamentos e negações que afetam, de forma positiva ou negativa, diretamente toda a minha trajetória de formação. E a melhor maneira que encontrei de fazer isso, foi falando sobre. Foi falando comigo mesma, e foi, também, me ouvindo muito. Muito embora a névoa ainda paire pelo meu processo de criação, tenho aprendido a enxergar um pouco por vez e tenho gostado das surpresas e descobertas que só o nevoeiro pode me oferecer. Processo de criação é movimento, pois vida é movimento e

“criar e viver se interligam”. (OSTROWER, 2014, p. 05). O processo artístico pelas palavras de Ostrower,

[...] não é outra coisa senão esta disponibilidade interior, esta plena entrega de si e a presença total naquilo que se faz. Ela vem acompanhada do senso do maravilhoso, da eterna surpresa com as coisas que se renovam no cotidiano, ante cada manhã que ainda não existiu e que não existirá mais de modo igual, ante cada forma que, ao ser criada, começa a dialogar conosco. É nossa sensibilidade viva, vibrante. (2013, p. 247).

É dar um passo de cada vez e um na sequência do outro. É lugar de passagem e é sobre se renovar observando as borboletas. Chego aqui, quase finalizando essa pesquisa, da mesma maneira que a iniciei. Cambaleante entre as palavras, deixando a escrita me guiar, disponível para novos atravessamentos, divagando em meus pensamentos, pedindo ajuda aos autores e pensadores que escolhi para estarem comigo e a tantos outros a quem recorri durante essa caminhada de crescimento e confluência. Chego aqui muito mais leve e certa de que o sentimento que me moveu a escrever sobre a negação dentro do percurso de me tornar artista, era, de fato, um sentimento genuíno. **des.ma.nu.al de**

**mim** é movimento repleto de sensações e experiências. É lugar de transformação, de deslocamento. Tenho entendido que é, ainda, estar nas coisas e não tomar posse delas. Porque tudo o que a gente toma para nós, vem como uma fronteira muito bem demarcada: – vai daqui, até ali! E a arte pede um certo desapego, uma certa liberdade, que se torna impossível saber até onde vai e para onde pode nos levar. Essa pesquisa-processo, por exemplo, tem me possibilitado escrever e dizer e pensar e querer expor e querer gritar o que estive guardado por seis anos. E isso é novo para mim. E tem sido bom! Quero mais que seja assim: me desapropriando do que já pertenci. Porque é daqui em diante que acontece a renovação. Uma renovação bonita que só o desconhecido pode revelar.

**EU QUERO FALAR SOBRE ISSO!**

## **No estágio de ser árvore...**

Um passarinho pediu a meu irmão para ser sua árvore. Meu irmão aceitou ser a árvore daquele passarinho. No estágio de ser essa árvore, meu irmão aprendeu de sol, de céu e de lua mais do que na escola. No estágio de ser árvore meu irmão aprendeu para santo mais do que os padres lhes ensinaram no internato. Aprendeu com a natureza o perfume de Deus. Seu olho no estágio de ser árvore aprendeu melhor o azul. E descobriu que uma casca vazia de cigarra esquecida no tronco das árvores só presta para poesia. No estágio de ser árvore meu irmão descobriu que as árvores são vaidosas. Que justamente aquela árvore na qual meu irmão se transformara, envaidecia-se quando era nomeada para o entardecer dos pássaros. E tinha ciúmes da brancura que os lírios deixavam nos brejos. Meu irmão agradeceu a Deus aquela permanência em árvore porque fez amizade com muitas borboletas.

Manoel de Barros, p. 395.



## REFERÊNCIAS

BARROS, Manoel de. **Manoel de Barros: Poesia Completa**. São Paulo, Leya, 2010. 493 p.

COCCHIARALE, Fernando. **Quem tem medo da arte contemporânea?**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Massangana, 2006. 77 p.

ECKERT, Alexandra **Narrativas Poéticas em Publicações de Artista, Livros-objeto e Séries Gráficas**: reminiscências, afetividades e outras delicadezas. 2018. 436 f. Tese (Doutorado) – Curso de Processos e Manifestações Culturais, Universidade Feevale, Novo Hamburgo, 2018.

MELIM, Regina. Exposições Impressas. In: DERDYK, Edith (Org.). **Entre ser um e ser mil**: O objeto livro e suas poéticas. São Paulo: Editora Sena São Paulo, 2013. p. 177-183.

MOEGLIN-DELCROIX, Anne. **Pequenos livros & outras pequenas publicações. Revista Valise**. Porto Alegre, v. 5, n. 9, ano 5, jul. 2015. p. 161-165.

MORAIS, Fabio. **Sabão**. Florianópolis: Par(ent)esis, 2018. 32 p.

MOREAU, Arthur. “Entrevista com Beth Moysés”. **eRevista Performatus**, Inhumas, ano 2, n. 8, jan. 2014.

OSTROWER, Fayga. **Acasos e Criação Artística**. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2013. 289 p.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. 30. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. 186 p.

PARENTE, André. "ALÔ, É A LETÍCIA?". **eRevista Performatus**, Inhumas, ano 2, n. 8, jan. 2014.

REY, Sandra. Por uma abordagem metodológica da pesquisa em artes visuais. In: BRITES, Blanca; TESSLER, Elida. **O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em artes plásticas**. Porto Alegre: UFRGS, 2002. p. 123–140.

SILVEIRA, Paulo. **A página violada: da ternura à injúria na construção do livro de artista**. 2. ed. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2008. 319 p.

SOUSA, Márcia Regina Pereira de. Folheando espaços ao redor: Experiência, tatilidade, espaço e tempo em livros de artista. In: Encontro Nacional da Associação Nacional de pesquisadores em artes Plásticas Panorama da Pesquisa em Artes Visuais, 17º, 2008, Florianópolis. **Anais do Encontro da ANPAP**. Florianópolis: ANPAP, 2008, p. 1875–1887.

SOUSA, Márcia Regina Pereira de. **O livro de artista como lugar tátil**. Florianópolis: Ed. UDESC, 2011. 230 p.



Sou livre para desfrute das aves<sup>11</sup>.

---

<sup>11</sup> Manoel de Barros, p. 357.